

O sonho de Josias: Entre a resistência e a violência em nome de Deus

*The dream of Josiah:
Between resistance and violence in the name of God*

José Carlos Cruqui¹

Resumo: O presente artigo se propõe trazer reflexões tendo como base as transformações ocorridas em Israel por volta do ano 700 a.C., transformações provocadas pela invasão do império Assírio, que provocou as reformas de Ezequias e Josias. Tais reformas surgem como resistência, mas evoluem para o desejo de dominação e poder e por trás dessas reformas neste período segundo alguns estudiosos surgiu a reforma deuteronomista, alterações efetuadas no texto bíblico, afim, de legitimar e dar respaldo as ações de Josias. Pretendemos nos valer de escritos sobre o assunto e também apoiados em novas pesquisas arqueológicas, trazer uma libertação na leitura de tais textos, a fim de evitar o uso fundamentalista e idealista de tais textos, evitando mais violência e dominação em nome de Deus.

Palavras-chave: Violência, Intolerância, monoteísmo, história de Israel, Assíria, deuteronomista.

Abstract: This article proposes to reflect on the transformations that occurred in Israel around 700 BC, transformations provoked by the invasion of the Assyrian empire, which provoked the reforms of Hezekiah and Josiah. Such reforms appear as resistance, but evolve into the desire for domination and power and behind these reforms in this period according to

Artigo recebido em: 29 nov. 2015
Aprovado em: 28 nov. 2018

¹ Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC), Bacharel em Teologia pela Faculdade Evangélica do Paraná (FEPAR), Pastor ordenado atuando na Igreja Evangélica Primícias. E-mail: jcruqui@gmail.com

some scholars arose the deuteronomic reform, changes made in the biblical text, in order to legitimize and support the actions of Josiah. We intend to rely on writings on the subject and also supported in new archaeological research, to bring a liberation in the reading of such texts, in order to avoid the fundamentalist and idealistic use of such texts, avoiding more violence and domination in the name of God.

Key words: Violence, Intolerance, monotheism, history of Israel, Assyria, deuteronomist.

Introdução

A transição do politeísmo para o monoteísmo é mostrada na Bíblia com uma série de textos que estão carregadas de violência e intolerância, nessa transição da nação de Israel em direção ao monoteísmo é patrocinada pela aliança com o poder político. Segundo Dietrich, essa aliança de poderes, religioso e político pode ter sido o responsável por tanta violência registrada, sendo parte de projetos de dominação muito além da religião.²

É possível que essa ligação de religião com a política tenha sido a responsável pela primazia de Javé em detrimento a outros deuses, que também eram cultuados em Israel.

Embora certamente Javé tivesse algum altar com destaque e algum culto especial no palácio e nas estruturas urbanas vinculadas ao palácio, ele era adorado ao lado de outras divindades que eram responsáveis por outras áreas da vida, como Baal, responsável pelas chuvas e pela fertilidade dos campos, como El e Asherá e outras divindades responsáveis pela fertilidade das mulheres e dos animais. No entanto a colocação de Javé como o Deus do rei, da casa davídica, é o primeiro passo no processo que terminou com Javé sendo concebido como o Deus único para todo o universo e para todos os povos.³

Israel foi tornando-se o povo de Javé, as reformas políticas promovidas pelos reis quase sempre realizadas com imposição e violência, essa intolerância foi uma forma de instituição de Javé como o único Deus.

² DIETRICH, L. J. *Violências em nome de Deus*. Monoteísmo, Diversidades e Direitos Humanos, São Leopoldo, RS: Cebi 2013.

³ DIETRICH, 2013, p. 19.

Após a morte de Davi e seu sucessor Salomão nota-se pela história bíblica uma decadência que culminou com a divisão do grande reino de Davi. Surge então o reino do norte e o reino do sul.

Na Bíblia notamos pelos relatos que há uma predileção por Judá, o reino do sul, já o reino do norte é por vezes apontado como um reino apostata e reprovado por Javé.

Os dois reinos sofreram com um opressor externo comum, a Assíria, em princípio ela investiu contra Israel, que na Bíblia não ganha muito destaque nesse período, os relatos voltam-se positivamente para Judá e às vezes negativamente para Israel, o norte é por vezes relatado como apóstata.

O reino esquecido

Apesar de poucas informações a respeito do reino do norte, o reino de Israel, podemos observar que as informações são menores do que a realidade do referido reino. A pouca informação pode ser atribuída a fatores religiosos e políticos daquele tempo, seriam então os feitos do reino do norte muito maior do que se tem registros e estariam eles em local diferenciado na história, mas os relatos não demonstram isso.

Conforme Kaefer é bom lembrar que sempre que a Bíblia se refere ao Norte, tudo na bíblia passava pelo crivo dos escribas de Jerusalém, então não é de se surpreender que muitas histórias do reino do norte tenham desaparecido ou até mesmo raptadas e recontadas dentro do modelo do reino do sul.

O autor destaca isso:

Além dos registros da realeza, é provável, e gostamos de pensar assim, que os escribas deuteronomistas de Jerusalém, quando começaram a redigir a história de Israel e Judá, se apropriaram de diversas tradições que circulavam pela região, algumas mais antigas – sobre façanhas de heróis populares, bem como de profetas a mando de seu Deus – e outras mais recentes.⁴

Até mesmo a Bíblia nos mostra um relato negativo de reis que foram importantes para o reino do Norte, notemos esse relato que encontramos por exemplo em (1 Rs 16, 23-28). É um relato reduzido e negativo do reinado de Onri, mas um de seus feitos foi a mudança da capital de Israel que era antes em Tirza e mudou-se

⁴ KAEFER, J. A. *A Bíblia, a arqueologia, e a História de Israel e Judá*. São Paulo, SP: Paulus, 2015, p. 60.

para Samaria após seu reinado, geograficamente Samaria era de fato um local melhor e mais seguro para ser a capital de Israel. Mas a avaliação bíblica de seu reinado é negativa.

Ao final do seu reinado é ungido rei em seu lugar o seu filho Acab, que também teve uma avaliação negativa descrita na Bíblia.

Kaefer nos conta que o principal feito de Acab foi a aliança com Tiro e Sidom, as mais importantes cidades do reino fenício que permitiu a ela uma posição privilegiada para exploração das riquezas marinhas.

É nesse período que Israel sofre uma expansão repentina, fruto possivelmente dessa aliança de Acab, o nome de Israel surge no cenário internacional do Oriente, como um poder regional capaz de fazer frente aos impérios.

Esse poder de Israel foi então atestado por uma inscrição encontrada em 1840 por Austen Layard, no sítio arqueológico de Nimrud.

E mostra que o poder de Israel não era tão pequeno como alguns podem pensar.

Apesar de Israel, com Acab, estar em terceiro lugar na ordem parece ser um dos membros mais poderosos da coalizão, que aparentemente era liderada por Adadezer de Damasco. Diz o texto que Israel tinha com ele duas mil bigas, ou seja, o maior número dessa que era a mais poderosa e cobiçada arma de combate da época.⁵

Porém, não obstante ao poder acima descrito, Israel desapareceu após a invasão inimiga, deportados em sua maioria para assíria, e foi assim que estrangeiros passaram habitar em suas terras, o invasor a Assíria, trouxe para povoar as terras desocupadas outros povos conquistados, fazia parte de sua tática imperialista de dominação.

O império assírio e sua tirania

Um império ainda que negue isso, implicitamente guarda em si um desejo de expansão e dominação de outras nações e províncias, todo o império ainda que promulgue a ideia de expansão da paz e prosperidade, é geralmente um ator da política dominante e podendo ser até violenta.

⁵ KAEFER, 2015, p. 71.

O império invasor trazia seu império às portas dos reinos do norte e do sul, e certamente a fama do império assírio já havia chegado antes, e o terror certamente tomou conta de todo o povo. O profeta Isaías, faz uma descrição deste exército que vem de longe para cumprir a ira de Deus, segundo ele o referido exército vem sob o chamado de Deus.

E ele arvorará o estandarte para as nações de longe, e lhes assobiará para que venham desde a extremidade da terra; e eis que virão apressurada e ligeiramente.

Não haverá entre eles cansado, nem quem tropece; ninguém tosquenejará nem dormirá; não se lhe desatará o cinto dos seus lombos, nem se lhe quebrará a correia dos seus sapatos.

As suas flechas serão agudas, e todos os seus arcos retesados; os cascos dos seus cavalos são reputados como pederneiras, e as rodas dos seus carros como redemoinho.

O seu rugido será como o do leão; rugirão como filhos de leão; sim, rugirão e arrebatarão a presa, e a levarão, e não haverá quem a livre (Isaías 5,26-29).

Mas quem era esse invasor que aterrorizava e colocava as nações em pânico, porque a Assíria era tão temida. Conforme alguns relatos de autores como Rubenstein diz que Senaqueribe “comandava a força militar mais poderosa do mundo”⁶. Rossi também nos diz que:

Os relatos históricos nos apresentam os assírios como povo ambicioso, guerreiro e cruel. Uma ambição sem limites e, conseqüentemente, de uma violência extrema. Em muitos momentos torna-se impossível perceber em seu rosto impenetrável nenhum sentimento humano. Para eles não bastava e não interessava tão somente a conquista passageira de amplos territórios. O objetivo residia, em grau sempre crescente, na incorporação definitiva das regiões conquistadas ao estado assírio.⁷

⁶ RUBENSTEIN apud ROSSI, LUIS A. Solano. *Pax Assyriaca*: Sem vitória não há paz. Goiania, GO: 2009, p. 12.

⁷ ROSSI, 2009, p. 12.

Por relatos como este, nota-se o quão temível deveria ser ter que enfrentar tal império, buscar ajuda divina e alianças com outros povos, seria para eles as únicas alternativas.

Provavelmente por onde passavam os assírios, não restava muita alternativa aos conquistados, segundo relato de Lowery haviam várias possibilidades, porém todas roubavam do povo seu sentimento de pertença tanto política como religiosamente.⁸

Os conquistados podiam ser incorporados como Estados vassalos, como províncias, ou lhes poderia ser atribuída uma posição intermediária, em que eram formalmente vassalos, porém na verdade governados por testas-de-ferro instaladas pelos assírios. Os vassalos pagavam tributo, forneciam quotas de tropas e geralmente defendiam os interesses da Assíria sem sua região, mas, por outro lado, eram livres para conduzir seus próprios negócios. O mais importante é que não tinha obrigações religiosas para com a Assíria.⁹

Como vimos no relato de Lowery, ainda que não houvesse uma obrigação de conversão aos cultos assírios, mas seus atos deixavam impressões profundas em seus conquistados.

A política neo-assíria para com o culto das nações conquistadas demonstravam seu domínio.

Às vezes, o exército imperial capturava imagens divinas e as mantinha como reféns até que o inimigo capitulasse e oferecesse um juramento de lealdade ao imperador. Uma vez que os conquistados se submetessem publicamente, os deuses eram devolvidos e seus cultos restaurados sem maior interferência da Assíria. Inscrições, no entanto, eram postas nos ídolos para simbolizar o relacionamento de vassalagem.¹⁰

Para Spieckermann um opositor das teses de Cogan, estudadas e mencionadas por Lowery, segundo ele a ideia de tratamento diferenciado entre vassalos e províncias por parte dos

⁸ LOWERY, R.H. Os Reis Reformadores. Culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo. São Paulo, SP: Paulinas, 2004.

⁹ LOWERY, 2004, p. 201.

¹⁰ LOWERY, 2004, p. 201.

assírios não se sustenta, no que se refere a cultos. Segundo ele era diferenciado o tratamento de acordo com o povo sujeitado.

Duras medidas político-religiosas eram tomadas contra os vassalos rebeldes. Uma vez que Judá, com a breve exceção de Ezequias, era um vassalo muito fiel, as duras imposições eram desnecessárias.¹¹

Segundo Lowery, onde ele menciona que muitos reis davídicos “adotaram espontaneamente as práticas assírias de culto, sem que fossem formalmente forçados a fazê-lo”¹².

A tentativa de explicar o politeísmo presente no povo israelita, como sendo uma imposição dos impérios dominadores, não pode ser aceita e nem consegue sustentar-se perante o relato do autor Lowery, que durante seus estudos do período pré-assírio, notou que o sincretismo já era uma norma no culto do primeiro templo.

Porém a conclusão que chegam os autores sobre o assunto é a mesma que também comungo, de que por condições psicossociais em Judá perante o imperialismo assírio, essas práticas foram adotadas voluntariamente, declarando e demonstrando assim a condição de submissão de Israel perante tão temível e terrível exército.

Vejamos relatos bíblicos, onde mostram o que o povo israelita pensava sobre os assírios. (Na 3.1-7, 18-19: “Ai de Nínive, cidade cruel, cheia de mentiras e de violência, onde não faltam crimes!”).

A sujeição promovida por Acas, levando o povo ao declínio social, trouxe para Judá um período de quase total desastre, tanto política como religiosamente.

Provavelmente com interesse em fortalecer-se e ao mesmo tempo enfraquecer as províncias e vassalos, o império assírio exigia que as províncias sustentassem ao império com suprimentos e homens.

O fardo de sustentar o exército e os trabalhos forçados imperiais não recaía apenas sobre os recrutados. Abastecer as tropas e as turmas imperiais de trabalho era um encargo econômico substancial das províncias e dos vassalos. [...] as obrigações com tropas e mão-de-obra criavam um

¹¹ LOWERY, 2004, p. 203,204.

¹² LOWERY, 2004, p. 204

fardo duplo para os povos subjugados: o império recrutava os trabalhadores em boas condições físicas das nações subjugadas, ao mesmo tempo em que exigia que a produção aumentasse para sustentar seus exércitos e turmas de trabalho.¹³

Dessa forma, ao mesmo tempo em que o império se fortalecia, ele transmitia para as províncias e vassalos a ideia de fraqueza e submissão. Impedindo que os mesmos se organizassem e fortalecessem seus exércitos. É um tipo de dominação não apenas física, mas também psicológica.

Segundo Nakanose, em sua obra *a Páscoa de Josias*, o exército da Assíria possuía um método de conquista em três etapas:

1ª etapa: imposição, pela força militar, de tributo anual e ajuda de contingente para o exército em caso de necessidade.

2ª etapa: deposição e substituição do rei local; ocupação da cidade estratégicas e das terras produtivas; deportação de lideranças rebeldes; aumento do controle militar e da tributação. A capital ainda permanecia nessa etapa.

3ª etapa: perda da independência; tomada da capital; o estado vassalo se transformava numa província assíria. Um administrador assírio arrecadava os impostos; as lideranças e uma parte do povo eram deportadas e um grupo de estrangeiros ocupava os cargos estratégicos. Isso visava desmobilizar os camponeses e impedir qualquer revolta contra a Assíria.¹⁴

O imperador Teglat Falasar III, fez o reino do norte, Israel, vítima desse sistema de conquista, impedindo assim que Israel se reorganiza como nação e como exército, mas segundo o referido autor acima, essa conquista total de Israel, teve um estopim ligando a essa história trágica o próprio reino do sul, Judá.

Conforme salienta o autor durante uma das etapas da vassalagem onde o vassalo era obrigado pagar impostos, o comandante do norte na tentativa de se livrar dos impostos, faz uma aliança com Damasco e tenta incluir o rei Acaz nessa empreitada contra a Assíria. Acaz não concordou, e não quis participar, tornou-se então alvo dos dois reis, que atacaram Judá, dando origem a

¹³ LOWERY, 2004, p. 196.

¹⁴ NAKANOSE, S. Uma história para contar. A páscoa de Josias. São Paulo, SP: Paulinas, 2000, p.191-192.

guerra siro-efraimita. O rei Acaz pede auxílio a exatamente da Assíria, esse pedido gerou uma aliança que foi condenada pelo profeta Isaías.

Acaz, cheio de medo, pediu auxílio ao rei da Assíria. Esse pedido, que significava aliança com a Assíria, foi fortemente condenado pelo profeta Isaías (Is 7, 3-9). Teglat Falasar III não perdeu a oportunidade. Partiu para ajudar Judá. Arrasou Damasco, tomou posse das cidades estratégicas de Israel, deixando apenas Samaria.¹⁵

Essa ajuda não saiu de graça, um pacto de vassalagem foi então imposto a Judá, que entrava assim na primeira fase das conquistas da Assíria, enquanto Israel passava para a segunda fase, perdendo as terras férteis e sendo governada por um rei imposto pela Assíria.

Nessa primeira fase pesados impostos eram cobrados do vassalo, quem na realidade perdeu com essas guerras internas do reino do norte e sul, foram os mais pobres, os camponeses que se viram obrigados a sustentar o exercito tanto com contingente e com alimentação, tornando assim o campo devastado.

Judá aceitou a vassalagem, permaneceu quieto, e pode ter sido nesse período que Judá assimilou por aculturação ou imposição elementos do culto mesopotâmico no templo.

Conforme Lowery, “o deuteronomista reconhece a influência imperial no culto do Primeiro Templo, mas não especifica quais práticas “estrangeiras” e quais são de cultos nativos não-javistas”¹⁶.

A reforma deuteronomica, que passaremos a descrever posteriormente, pode ter sido desencadeada por esses motivos.

Conforme nos conta Nakanose, após a morte de Teglat Falasar III, imperador da Assíria, Salmanasar V o substituiu, foi nesse período que muitos vassalos começam a se insurgir, inclusive Israel tentou também sua independência sob o reinado de Oséias, o que na verdade foi o fim devastador para Israel em 722 a.C. na Bíblia notamos tal relato no livro dos Reis.¹⁷

Contra ele subiu Salmeneser, rei da Assíria; Oséias ficou sendo servo dele e lhe pagava tributo.
Porém o rei da Assíria achou Oséias em conspiração, porque enviara mensageiros a Sô, rei

¹⁵ NAKANOSE, 2000, p. 192.

¹⁶ LOWERY, 2004, p. 209.

¹⁷ NAKANOSE, 2000, p. 193.

do Egito, e não pagava tributo ao rei da Assíria, como dantes fazia de ano em ano; por isso, o rei da Assíria o encerrou em grilhões, num cárcere.

Porque o rei da Assíria passou por toda a terra, subiu a Samaria e a sitiou por três anos.

No ano nono de Oséias, o rei da Assíria tomou a Samaria e transportou a Israel para a Assíria; e os fez habitar em Hala, junto a Habor e ao rio Gozã, e nas cidades dos medos. (2 Rs 17,3-6).

Nesse período já estava reinando na Assíria, Sargon II que substituiu Salmanasar V que havia sido assassinado, conforme documentos assírios foram deportados 27.290 samaritanos, sendo assim Israel entra na terceira e última etapa da vassalagem vindo a desaparecer como Reino.

Já o sul permaneceu pois desfrutava de “paz” com os assírios, dado ao seu pacto de vassalagem feito como requisito, a um apoio na guerra sírio-efraimita, mas sobre essa paz nos provoca ROSSI em sua conclusão do artigo sobre a Pax Assiriana:

A paz dos assírios não significava em hipótese alguma a paz dos povos conquistados. Nesse sentido, a pax assyriana produzia no máximo paz em seu poder imperial central, mas não na “periferia” do império representado pela totalidade dos povos conquistados. Não há para as vítimas do império segurança no poder coercitivo. Ao contrário, existe dor, destruição e aniquilamento. Sendo assim, não é possível pensar o rei do mundo assírio como aquele que realiza a paz. De certa forma, deveríamos repensar os conceitos de vitória e de paz, principalmente o conceito de vitória associado à paz.¹⁸

Enquanto o norte desaparece como reino, o sul permanece como vassalo da Assíria até que mais tarde se rebela, sob o comando do rei Ezequias.

Ezequias e sua reforma

O que não foi até o momento mencionado nesse artigo é o real motivo do interesse dos assírios e demais, “pretensos auxiliares” de Israel e de Judá neste combate contra o invasor.

¹⁸ ROSSI, 2009, p. 26.

Segundo nos conta Nakanose e podemos também supor que o interesse na região aos reinos do sul e do norte, tanto pelos Assírios como também pelos demais povos da região não eram apenas por motivos expansionistas, havia algo além que impulsionava esse interesse.

Os territórios de Judá e Israel despertavam, para a Assíria, grande interesse por sua posição geográfica estratégica. A Palestina era um corredor que dava acesso para o Egito e a Ásia Menor, para o comércio no mediterrâneo e no Mar Vermelho. Por isso, os exércitos assírios fizeram incursões nessa região por mais de um século.¹⁹

Desejos revelados, começamos então a compreender tamanha força de propósito e vontade na conquista sobre a região da Palestina, onde foi desenvolvido um programa de conquista, que inicialmente parecia apenas um pacto de vassalagem, mas que ao final culminaria em dominação e extinção de reinos.

O autor Nakanose, nos conta também que em 705 a.C. morreu Sargon II, que foi substituído por Senaquerib (704-681), foi neste tempo que os vassalos apoiados por Babilônia e Egito, pois necessitavam da região da palestina como corredor comercial.

Ezequias então apoiado pelo movimento antiassírio, vê nesse momento uma oportunidade de rebelar-se, quebrando o pacto de vassalagem declara a independência de Judá.

Provavelmente vendo o real interesse da Assíria e tendo como exemplo o seu vizinho do norte, ele então decide rebelar-se:

Ezequias buscou manter Judá como um reino independente. Nesse contexto de resistência situa-se a sua reforma. Ezequias prepara-se para uma guerra com o exército Assírio. Amplia o fornecimento de água, cavando na rocha um canal de pouco mais de 500m, que hoje é chamado de “o túnel de Ezequias”, para levar água da fonte de Gion para dentro dos muros de Jerusalém.[...] Também aumenta a área da cidade, para que ela possa acolher tanto os fugitivos do reino de Israel (722 a.C.) como os nobres das 46 cidades dos arredores de Jerusalém.²⁰

¹⁹ NAKANOSE, 2000, p. 191.

²⁰ DIETRICH, 2013, p. 21.

Ezequias promove sua reforma, ampliando a cidade de Jerusalém a fim de comportar os que fugiram do norte, e também de outras províncias que fugiam da Assíria.

Sobre isso Kaefer nos diz que Ezequias, rei de Jerusalém, se rebelou contra o domínio assírio. Foi então que Ezequias construiu a forte muralha (cf. IS 22.10; 2 Cr 32,5) com pedras que chegam a alcançar sete metros de espessura, como pode ser visto atualmente nas escavações. Para essa época, Ezequias também cavou o túnel de 513 metros a fim de trazer água da fonte de Gion para dentro da muralha da cidade, até o reservatório de Siloé (cf 2Rs 20,20; 2Cr 32,2-4, 30). O Túnel foi escavado na rocha em forma de S, começando simultaneamente pelas duas extremidades. Uma inscrição encontrada no interior do túnel relata o momento emocionante do encontro dos dois grupos de escavadores. Descoberto por Edward Robson em 1838, o túnel encontra-se aberto, hoje em dia, para visitas.

Kaefer (2012, p.8,9) nos informa que Jerusalém passou de uma aldeia de mil habitantes a uma cidade de quinze mil, no ano de 722 a.C., decorrente da invasão Assíria à Israel, certamente muitos conseguiram escapar da deportação ou temendo a escravidão fugirão para nação co-irmã Judá.

Mas observamos também conforme relatos de Nakanose não foi apenas no campo físico que Judá sofreu alterações, Ezequias vai além, e no âmbito religioso promove mudanças também.

Nakanose também traz relato sobre o fato, dizendo que ele manda retirar os deuses estrangeiros do Templo, ele centraliza dessa forma o culto em Jerusalém alegando lealdade ao culto de Javé.

Suspende os tributos e inicia uma reforma político-religiosa (2 Rs 18,1-8), com o nome de volta à Aliança com Javé. Ele manda retirar os deuses estrangeiros do Templo, fortifica as cidades (2 Cr 32,5); faz estoque de armas; fecha os reservatórios de água ao redor da cidade para dificultar a atividade do exército assírio.²¹

Conforme Lowery nesta reforma o rei Ezequias promoveu a centralização do culto, proibindo adoração a Iahweh fora de Jerusalém, trazendo com isso maior poder econômico para a capital, criando as peregrinações a Jerusalém, trouxe um *status* de restauração da casa de Davi.

A intenção da centralização do culto não foi apenas a de fortalecer Jerusalém com as ofertas e dízimos, mas também causar o

²¹ NAKANOSE, 2000, p.193.

inverso aos Assírios, com a suspensão de tributos, visto que nas áreas externas de Jerusalém não haveria mais ofertas levadas aos lugares altos. Lowery afirma: “a centralização do culto, embora radical, fez sentido como medida de emergência durante a rebelião contra a Assíria”²².

Mas o fato é que mesmo com a ajuda de terceiros não adiantou muito, Senaquerib retaliou o Egito então aliado de Ezequias e também invadiu a Judá, conquistando 46 cidades, entre elas importantes fortalezas (2 Rs 18,13). Não restando a Ezequias alternativas.

Ezequias teve de se render e pagar um considerável tributo. O rei Assírio aceitou a rendição de Ezequias e Judá entrou na segunda etapa da vassalagem.[...] A reforma de Ezequias foi interrompida com a invasão de Senaquerib. Com a morte de Ezequias, seu filho Manassés ocupou o trono (687-642 a.C.) e refez a aliança com a Assíria (2Rs 21; 2 Cr 33).²³

Com isto a Assíria permitiu uma semi-autonomia de Judá, mas com interesses, pois precisava de uma base militar na região, com a finalidade de se opor ao Egito, lembrando que Judá estava numa região de corredor comercial.

Essa militarização do povo e da região extinguiu o espaço de articulação dos camponeses, eliminando assim qualquer tentativa de revolta, o sistema tribal foi assim extinto dando lugar a centralização de poderes, esse sistema é o que vigorava nos dias de Josias.

A reforma de Josias 621 a.c.

Chegamos agora ao objeto foco do devido artigo, onde pretendemos salientar a reforma promovida por Josias, porém foi necessário entendermos o ambiente que nos conduziu até o presente momento, para que possamos analisar a reforma de Josias tendo em mente as dominações e a reforma de Ezequias.

Josias foi feito rei aos 8 anos de idade, isso já demonstra no mínimo um jogo político envolvido em sua coroação, e a tentativa de manter a linhagem Davidica o levam ao trono por questões políticas envolvidas.

Em nossa pesquisa, foi observado que quando Josias chega ao trono, era um período em que o temível império assírio já estava

²² LOWERY, 2004, p. 249.

²³ NAKANOSE, 2000, p. 194.

enfraquecido e se retirando das terras da palestina Josias não governa em meio a resistência.

O pensamento deuteronômico segundo Nakanose, não foi algo criado unicamente por Josias, mas tais ideais e pensamentos já estavam presentes na política de Judá desde o governo de Ezequias, esse idealismo religioso já se manifestara anteriormente.

Sobre esse período Dietrich nos diz:

A reforma centralizadora de Josias segue a mesma inspiração e tem a mesma pauta da reforma de Ezequias. Porém, Josias sonha estender o poder de Jerusalém, da casa de Davi, abarcando, além de Judá, também o território do antigo reino do norte. Nos textos do Pentateuco e dos Livros Históricos redigidos nessa época, Josias projeta o ideal das 12 tribos unidas, adorando um só Deus, seguindo um só homem, em aliança com Javé. [...] sempre realizando o papel que ele sonha para si: as doze tribos unidas em um só povo, seguindo um só homem e, agora adorando somente Javé e somente em Jerusalém.²⁴

Conforme notamos na fala de Dietrich, Josias possuía um sonho, e em prol desse sonho promove sua reforma, aproveitando uma lacuna deixada pela ausência do império assírio, Josias sonha então em criar um pequeno império para dominar em sua região, lembrando que havia muito interesse envolvido por conta da importância como rota de comércio marítimo.

Isto pode ser entendido também pela análise de que durante o governo de Josias, não havia necessidade de resistência, visto que o império que os oprimia já estava em decadência e se retirava da região, sendo assim não haveria nenhuma necessidade de mudanças em face de uma pretensa resistência, resta nos concluir que essa reforma promovida por Josias, tinha por traz um cunho meramente político e interesse de dominação.

Conforme nos diz Lowery, essa interpretação política é rejeitada por A. Jepsen, pois ele propõe que a pregação de Sofonias foi o impulso básico para a reforma de Josias. Outros estudiosos pensam da mesma forma como Kaufmann e Cogan. Cogan rejeita a visão de Bright, Noth, Malamat e outros.

O autor também nos diz que muitos outros argumentam motivos diferentes para a reforma de culto de Josias, desde motivos religiosos, políticos e até econômicos.

²⁴ DIETRICH, 2013, p.23,24.

Teorias políticas, religiosas e econômicas sobre a reforma de culto de Josias não chegam a explicá-la, pois o alcance delas é muito estreito. O Deuteronômio e as reformas Josiânicas abrangem mais do que a mera política, ou a economia, ou até mesmo a religião. A teologia deuteronômica é um símbolo abrangente do sistema que incorpora tudo isso.²⁵

Na reforma de Josias, o que houve foi a imposição da unicidade de um Deus, de um culto e até do lugar de culto, valorização do templo, eliminando os outros lugares de adoração.

De mais disso, também Josias tirou todas as casas dos altos que *havia* nas cidades de Samaria, e que os reis de Israel tinham feito para provocarem o *Senhor* à ira; e lhes fez conforme todos os atos que tinha praticado em Betel. E sacrificou todos os sacerdotes dos altos, que *havia* ali, sobre os altares, e queimou ossos de homens sobre eles; depois, voltou a Jerusalém. (2 Rs 23,19 - 20).

Conclusão

A reflexão que fazemos e que queremos despertar nos leitores, é a preocupação com a obra deuteronômista, sendo que a mesma surge para apoiar de forma legitimadora a reforma de Josias, o sonho imperialista de Josias torna-se um pesadelo, justamente porque muitos podem utilizar-se de textos produzidos neste período com a intenção de dar legalidade as obras perversas em nome de Deus e de culto a ele.

O motivo da reforma não é o que nos atrai, mas o que atrai de forma negativa é a forma como ela foi executada, debaixo de muita violência exposta e praticada em nome de Deus, provavelmente fruto de uma reforma deuteronômista que se apropria de textos e lhes confere o selo de sagrados, quando os coloca na boca de Deus, visando assim legitimar uma violência gratuita em prol de uma sociedade dominante, a elite governante.

Analisando a reforma de Josias, Nakanose mostra que houve alguns estágios nessa reforma:

²⁵ LOWERY, 2004, p. 289.

O segundo estágio da reforma de Josias visava a centralização do culto no Templo de Jerusalém, afirmando que os cultos a Javé, realizados nos santuários locais, eram contaminados. O que eles consideravam culto contaminado, na prática, eram as manifestações populares.²⁶

Consideremos que certamente a população rural, o povo em si não deve ter se manifestado favorável a tal reforma, centralizar o culto em Jerusalém demandaria uma logística complexa. Isso é notado como exemplo em textos deuteronomistas como (Dt 14,24-25) onde autoriza os que moravam afastados a vender parte do dizimo e trazer a prata, pois seria facilmente carregada.

No início não deve ter havido apoio da maioria da população, e segundo o questionamento como teriam conseguido a elite dominante levar adiante suas reformas?

A maioria dos estudiosos concorda que o segundo estágio seguiu-se à descoberta do Livro da Lei, no Templo de Jerusalém. Entretanto, nada nos é dito precisamente sobre como ele foi encontrado. Só é dito que Helcias, o sacerdote responsável pelo templo, anunciou sua descoberta a Safã, o escriba, que então leu diante do rei (2Rs 22,3-10). Nesse livro, entre outras prescrições, encontram-se as seguintes proibições: de ter lugares altos (Dt 12,2), de celebrar o culto ou outras celebrações fora do lugar escolhido por Javé (Dt 16,5-11) e de adorar outros deuses (Dt 13, 13-19).²⁷

Tendo agora um texto sagrado que legitima a reforma como sendo um processo de retorno a vontade divina, torna-se um tanto quanto mais confortável dar sequência aos intentos da pretensa reforma, essa coleta de informações e manipulação das tradições antigas, onde provavelmente novas leis devem ter sido inseridas juntamente com os textos originais, é o que os deuteronomistas fizeram.

Esse projeto centralizador de culto e coletas, visava o fortalecimento e enriquecimento da corte josianica, transformando Jerusalém numa cidade tirana.

Como nos alerta Nakanose, “esta compreensão é crucial para nosso combate à hermenêuticas fundamentalistas e idealistas que

²⁶ NAKANOSE, 2000, p. 197.

²⁷ NAKANOSE, 2000, p. 197.

ofuscaram a realidade da reforma de Josias nas tradições culturais e teológicas por tantos anos”²⁸.

Há textos na bíblia que não é possível de aceitação de uma hermenêutica literal, textos como Dt 13, 6-7.

Quando te incitar teu irmão, filho da tua mãe, ou teu filho, ou tua filha, ou a mulher do teu amor, ou teu amigo, que te é como a tua alma, dizendo-te em segredo: Vamos e sirvamos a outros deuses que não conheceste, nem tu nem teus pais, dentre os deuses dos povos que estão em redor de vós, perto ou longe de ti, desde uma extremidade da terra até à outra extremidade, não consentirás com ele, nem o ouvirás; nem o teu olho o poupará, nem terás piedade dele, nem o esconderás, mas certamente o matarás; a tua mão será a primeira contra ele, para o matar; e depois a mão de todo o povo. E com pedras o apedrejarás, até que morra, pois te procurou apartar do Senhor, teu Deus, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão. (Dt 13, 6-10)

Outros textos incitam a intolerância religiosa, falando em destruição de lugares de adoração a outras divindades:

Totalmente destruireis todos os lugares onde as nações que possuireis serviram os seus deuses, sobre as altas montanhas, e sobre os outeiros, e debaixo de toda árvore Verde; e derribareis os seus altares, e quebrareis as suas estátuas, e os seus bosques queimareis a fogo, e abatereis as imagens esculpidas dos seus deuses, e apagareis o seu nome daquele lugar (Dt 12, 2-3).

O que estamos querendo demonstrar é que não podemos tomar textos como o citado acima e utilizar para incitar a intolerância religiosa, há vários textos que foram utilizados para legitimar a reforma de Josias e Ezequias, e que de fato não podem e nem devem ter sido promulgados por um Deus que diz ser amor.

Penso que tais textos se mal interpretados ou ensinados dentro de outro contexto podem gerar pensamentos anti-ecumênicos, fomentar a intolerância religiosa, discriminação de classes e até homofobia.

Cabe a nós analisar e conhecer mais da história deuteronomista, com a intenção de promover a libertação do texto,

²⁸ NAKANOSE, 2000, p. 201.

daquilo que não acreditamos ter sido obra divina e sim textos que serviram a uma classe dominante e escravagista.

Vivemos em uma sociedade cujo os valores facilmente se deterioram, os valores cristãos assim chamados, facilmente se confundem, e por vezes são ignorados em detrimento ao interesse próprio ou de um grupo dominante, a exploração é por vezes premiada, a mentira e engano incentivada como astúcia e sabedoria.

O sonho de Josias de formar um império, alimentado pelo ideal das 12 tribos unidas, adorando um só Deus, sob o governo de um só homem, aproveitando-se para isso do espaço deixado com o exílio de Israel, o que na verdade acabou favorecendo a classe dominante de seus dias com esse ideal, não causou estragos somente na sociedade em que viveu, mas seus feitos foram legitimados por textos que estão agora perpetuados como textos sagrados, porém acreditamos que essa leitura deve ser feita não mais com esse viés, mas devemos enxergar além e entender que palavra de Deus, só pode ser palavra de Deus quando promove a vida e preocupa-se com todos não apenas com uma classe em detrimento de outras.

Com estas reflexões procuramos produzir uma hermenêutica sadia, afim de que os textos violentos que foram utilizados para legitimar os atos da reforma josianica, não sejam utilizados de forma fundamentalista e nem defendam um idealismo desprovido da verdade.

Referências

DIETRICH, L. J. *Violências em nome de Deus*. Monoteísmo, Diversidades e Direitos Humanos, São Leopoldo, RS: Cebi 2013.

KAEFER, J. A. *A Bíblia, a arqueologia, e a História de Israel e Judá*. São Paulo, SP: Paulus, 2015.

KAEFER, J.A. *Arqueologia das terras da BIBLIA I*. São Paulo, SP: Paulus, 2012.

KAEFER, J.A. *Arqueologia das terras da BIBLIA II*. São Paulo, SP: Paulus, 2016.

LOWERY, R.H. *Os Reis Reformadores*. Culto e sociedade no Judá do Primeiro Templo. São Paulo, SP: Paulinas, 2004.

NAKANOSE, S. *Uma história para contar*. A páscoa de Josias. São Paulo, SP: Paulinas, 2000.

ROSSI, LUIS A. SOLANO. *Pax Assyriaca: Sem vitória não há paz*. Goiania, GO: 2009.